



Margarita Lamêgho

O CORPO HUMANO E SUA IMAGEM REPRESENTADA¹

Explorando a realidade baseada na informação anatômica, perceptiva e criadora é que nos permitimos compreender, interpretar ou explorar o sentido dos sentimentos humanos.

Artistas de todos os tempos usaram e interpretaram o corpo projetando sua própria imagem. O corpo humano é o reflexo do nosso, e um punhado de emoções e reações nos desafiam quando estamos diante de um corpo nu (vivo ou morto) pois é a presença do nosso esta auto-identificação de nossa existência é que nos aproxima ao ser vivo e da existência humana.

A representação da figura humana sofreu um desgaste durante o pós-guerra no ocidente, mas não por motivos estéticos e sim ideológicos, sua representação era associada a arte nazi, ou seja, ao realismo socialista.

Nos anos 60 surgem movimentos que vão devolver ao corpo o protagonismo perdido nas vanguardas históricas, inclusive pela interrupção da fotografia.

A partir dos anos 60 e 70, se desenvolveu com intensidade a body art e o acionismo vienense – tendo Kurt Kren como um dos maiores nomes do cinema experimental - que são na realidade continuadores de Duchamp, o futurismo, o Dada, a Action Painting de Jackson Pollock e suas estratégias operacionais “(...) Se

vertebram em torno às ações, performances e happenings...” como diz Antonio Rabazas Romero². As performances se projetam diretamente e Lygia Klark o faz de modo intervencionista, trabalhando a poética do corpo e a imaginação criativa.

O corpo tem sido submetido e provado com as novas propostas e os aportes de artistas e científicos contemporâneos a exemplo do anatomista alemão Gunther von Hagens e do inglês Ben Gammon, este último expôs um cadáver humano em uma vitrine que ficará exposto a visitação do público para que possam acompanhar as diversas etapas do apodrecimento da matéria.

Representar o corpo, não é simplesmente utilizá-lo ingenuamente, servindo-se de uma realidade livre, se não de encontrar uma opção estética que se adeque a seu valor simbólico associado à beleza humana, a de sua existência e de respeito, “(...) Não humilhar e degradar a imagem do corpo através de uma agressividade negativa... desestruturação visual, deformações...” como se refere Paul Ardenne³. A presença do corpo no século XX já fazia parte nas transformações do imaginário plástico das vanguardas com muita intensidade, a exemplos destes artistas estão as obras de Lucien Freud e de Francis Bacon, sendo este último que criou imagens que traduziram a agressividade e o temor do século XX de forma crua e veraz, pela violência e pelo medo.

Michael Peppiart comentou sobre a obra de Bacon: "(...) *Seus motivos poderiam ser tanto pela excitação sexual ou pelo desejo de destruir...*" As figuras de Bacon plasmam seres vivos em carne viva, totalmente dissecadas, suas formas distorcidas explorando seus conhecimentos anatômicos, misturando suas emoções com a de seus personagens, como comenta France Borel "(...) *Uma carne estremeçada, na qual se concretiza a existência para negar as fronteiras da vida e da morte, do nascimento e da putrefação*"⁴.

São inesgotáveis as tendências nas duas últimas décadas do século XX, onde o corpo se transforma em um grande ponto de convergência das artes, incluindo as artesanais, as performáticas, as instalações, entre outras, até à aquelas que utilizam as tecnologias de ponta, explorando ao máximo o corpo físico, sensorial, psíquico e cognitivo.

A complexidade do corpo leva os diversos autores a investigar sobre a justificativa da representação do mesmo, como diz Paul Ardenne: "*Uma substância não neutra, de difícil compreensão, que os artistas contemporâneos não dominam melhor que qualquer outro*"⁵. O corpo passa hoje por um momento de hibridação, de diversidade e de mestiçagem. Ele sempre foi o objeto do olhar artístico, sendo muito mais evidente neste século, por ter adquirido este alto nível de plasticidade, ultrapassando suas fronteiras físicas e por isto mesmo transformando-se em um "grande tema", com suas representações performáticas e simulador das artes.

O corpo "pós humano" considero um dos maiores avanços entre a ciências X artes, é a celebração de um corpo futuro, como diz Ardenne: "*Reflejo de este cuerpo psíquico y ontologicamente reformulado*"⁶, que configuraram na realidade as biotecnologias, as cirurgias, os transplantes e as cirurgias estéticas, bem como a de recuperação.

Desde 1992, usando como estratégia a exploração das características gestuais e icônicas do corpo pintado através de performances, que comunica sua mensagem diretamente, onde o

corpo é o veículo artístico e é levado ao limite do que pretendo. Usando a projeção de imagem no cenário ou fundo, participando da composição das esculturas vivas, que em geral são espaços arquitetônicos, ou mesas fartas ao ar livre ao alcance de todos e não do particular. Esta grande tela projetada possui um espaço vazio para incluir a representação da figura humana, dando a idéia de que o artista está naquele instante iniciando o seu processo de criação, onde já possui um plano de fundo e está desenvolvendo as figuras, que neste caso são os corpos pintados ou natureza viva, impressionando e transformando o ponto de vista do espectador. Estes corpos pintados em transição, passam de uma realidade a outra, confundindo-se assim com o próprio corpo do modelo e a da realidade do momento. Esta grande tela viva pode ser habitada e estar diante de nossos olhos flagrando o momento mágico da pose e das emoções que visualmente cobra uma estranha força. As figuras que povoam este cenário são as mesmas do cotidiano, mulheres que amamentam, pessoas fazendo suas refeições, crianças, homens e mulheres, que muitas vezes são indiferentes uns aos outros, o que representa o tipo de vida que levamos hoje em dia, ou são casais que se olham intensamente sem erotismo, em suas poses, servindo como reflexão estética sobre o ideal de beleza do corpo nu, que por si só é sensual.

Utilizando quatro elementos que se integram perfeitamente: a música (de preferência experimental), a projeção, o corpo pintado e a performance, que se amoldem complementando cada uma em particular. A pintura dos corpos é a releitura dos trabalhos anteriores, que logo são fotografados e cujo resultado será levado novamente para a tela através de superposições.

NOTAS

¹ Este trabalho (*performance*) foi apresentado no Museu Costa Pinto, tendo sido o primeiro neste gênero na Bahia. François Soulages, da Universidade de Paris 8, escreveu sobre o mesmo dizendo:

"Esta performance interroga nossos olhares em nosso corpo, nossa apreensão da arte e nossa vida corporal. Que os atores e a autora sejam agradecidos e persigam suas pesquisas livres".

² Rabazas Romero, Antonio. "La Figura Anatómica Fundación Cajá Murcia, pág. 134, 2004.

³ Ardenne, Paul. Figurar lo humano em el siglo XX Cendea C. pág. 38. España. 2004.

⁴ Borel, France. Bacon, Retratos y Autorretratos, AS, pág. 188. 1996. Madrid.

⁵ Op. Cit. Ardenne, Paul, pág. 37.

⁶ Op. Cit. Ardenne, Paul, pág. 36.